

APRESENTAÇÃO – Polifonia v.27, n. 47 (2020)

DOSSIÊ: Estudos Literários - “A experiência do deslocamento e suas representações na literatura”

### **Os sentidos do deslocamento na literatura contemporânea: sujeito, identidade e outras travessias**

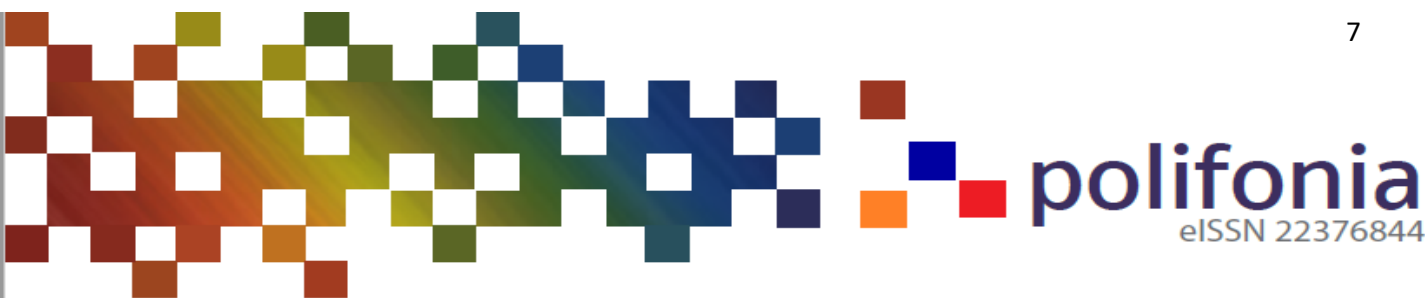
O deslocamento configura um fenômeno intrínseco à história da humanidade. Entretanto, a mobilidade dos povos parece ter se intensificado, sobretudo, ao longo do século XX, quando, adquirindo múltiplos matizes, o fluxo migratório institui-se como marco histórico erigido em consequência de uma série de fatores derivados do avanço da globalização e da consolidação da economia de mercado. Seja em razão das catástrofes naturais, seja em virtude dos conflitos bélicos, perseguições políticas, crise econômica ou, ainda, por motivações pessoais, não apenas escritores e intelectuais, mas também trabalhadores dos mais diversos setores de prestação de serviços, viram-se obrigados ou sentiram-se impelidos a deixar seus países de origem para partirem rumo a novos horizontes com a finalidade de reconstruírem suas vidas ou alcançarem o almejado reconhecimento profissional.

A experiência do trânsito, por seu valor histórico, antropológico e sociológico, tem sido revisitada pelas mais variadas formas de manifestação cultural, principalmente pela literatura. Edward Said (2003)<sup>1</sup> chegou a afirmar que “a moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados”. James Clifford (1997)<sup>2</sup>, por sua vez, defende a ideia de viagem como signo da localização humana, ou seja, lugar constitutivo das significações culturais. Por essas e outras proposições teóricas, tal como

---

<sup>1</sup> Cf. SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>2</sup> Cf. CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1997.



apontou Bourriaud (2009)<sup>3</sup>, a representação do deslocamento humano, que se tornou uma tendência na literatura contemporânea, não corresponde somente a uma moda passageira.

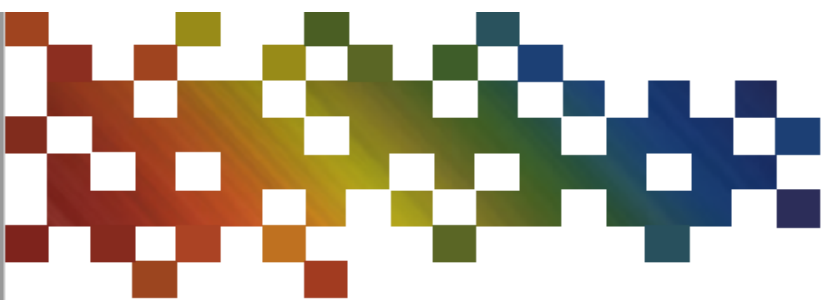
O impacto gerado pelos movimentos migratórios, intensificados sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, reconfigurou o mapa dos pertencimentos e as paisagens identitárias do globo terrestre. Não se trata apenas do simples ato de transladar-se a outro espaço geográfico. A viagem, a priori, “simboliza a passagem do tempo e o deslocamento físico contribui para a mudança interior” (ESTEVES; ZANTOTO, 2010)<sup>4</sup>. Para além da travessia das fronteiras geopolíticas, a mobilidade implica choque, estranhamento, desarraigo, negociação e reinvenção de formas de ser e estar no mundo que ultrapassam os referentes socioculturais e linguísticos de um Estado-nação, pensado a partir de uma base territorial unívoca e absoluta; fato que confere à errância o sentido de uma experiência profunda que afeta tanto os modos de representação dos espaços e a maneira pela qual deles nos apropriamos, quanto os próprios paradigmas que interceptam as relações interpessoais da vida em sociedade.

A iniciativa de se elaborar o presente dossiê intitulado “A experiência do deslocamento e suas representações na literatura” surgiu em decorrência das reflexões suscitadas durante o Simpósio “Mobilidade cultural, gênero e identidade: representações do deslocamento na narrativa hispânica”, ocorrido nos dias 5 e 6 de novembro de 2019, como parte da programação do 18º Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol, realizado em Manaus. No afã de aprofundar e ampliar os diálogos iniciados no evento, propusemos a organização do presente número da Revista Polifonia, o qual recebeu valiosas contribuições de autores vinculados a diferentes instituições de ensino e grupos de pesquisa. Acreditamos que os trabalhos aqui reunidos brindarão os leitores com a apresentação de um breve panorama dos caminhos percorridos pelos estudos literários a respeito de tema que, dado seus múltiplos enfoques, desdobramentos e divergências, ainda parece longe de ser esgotado.

---

<sup>3</sup> Cf. BOURRIAUD, Nicolas. *Radicante*. Trad. de Michèle Guillermont. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2009.

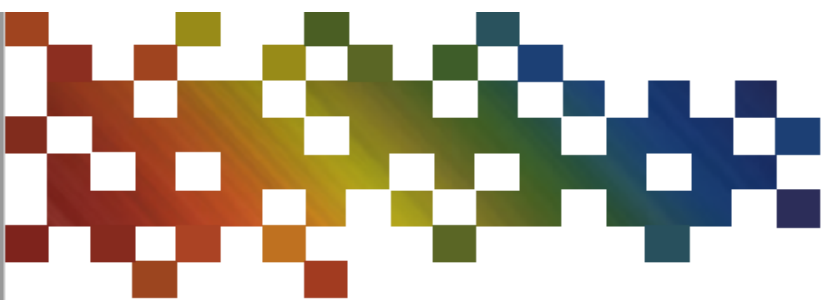
<sup>4</sup> Cf. ESTEVES, Antonio; ZANTOTO, Sérgio Augusto (orgs). *Literatura de viagem. Viagens na literatura*. Assis: Ed. UNESP, 2010.



A seção do dossiê é introduzida pelo artigo *Entre cordéis, plaquettes e cartoneras: transitaros tupiniquins na terra de los hermanos*, em que a autora Flávia Braga Krauss Vilhena analisa dois momentos de trânsito literário entre Brasil e Argentina. Nos anos 1970, o escritor bonaerense e ativista político Néstor Perlongher, exilado em São Paulo durante a ditadura militar que assolava seu país, introduz na literatura argentina a atitude da literatura marginal brasileira. Nos anos 1990, agitadoras culturais argentinas tomam conhecimento da literatura de cordel do nordeste brasileiro e fundam em Buenos Aires dois projetos culturais, a galeria de arte *ByF* e a editora *Eloísa Cartonera*, editora comprometida em publicar literatura “menor” em livros manual e coletivamente produzidos com capa de papelão, provocando reflexões sobre os modos de circulação da literatura e sobre o sentido eufórico suscitado pelo objeto livro.

Na sequência, o artigo *A literatura exofônica de Yoko Tawada: uma literatura em constante movimento*, de Cláudia Pavan e Gerson Neumann, discorre sobre o conceito de literatura exofônica, tomando como referência as produções ficcionais e teóricas da escritora nipo-germânica Yoko Tawada. O estudo reflete sobre a necessidade de se estabelecer uma categoria de análise que logre elucidar as nuances discursivas de uma literatura deslocada, desterritorializada e, pretensamente, sem morada fixa, produzida por escritores fora do seu lugar – e da sua língua – de origem. Nesse sentido, os autores defendem que a literatura exofônica, devido as suas especificidades, não deve ser enquadrada passivamente aos dispositivos teóricos pré-existentes, tal como a designação de literatura migrante, por exemplo, à qual é comumente associada. Observar como a obra de Yoko Tawada possibilita a reflexão a respeito da exofonia e das fronteiras das línguas, conduzindo a novas percepções sobre a escritura em movimento é o objetivo desse trabalho.

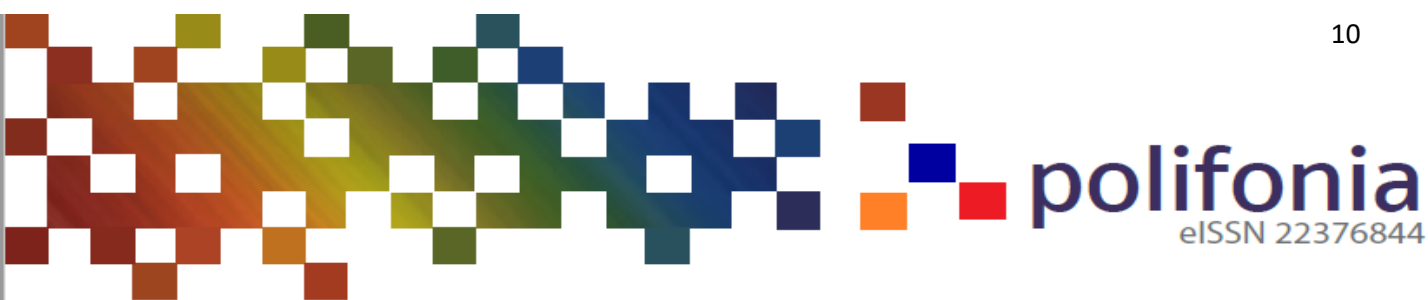
Seguindo o viés das discussões propostas por Cláudia Pavan e Gerson Neumann, o artigo *Identidades transnacionais na narrativa hispano-americana contemporânea: uma leitura de Árbol de familia, de María Rosa Lojo, e Una vez Argentina, de Andrés Neuman*, de Juliana Bevilacqua Maioli, promove uma incursão pelos territórios flutuantes da literatura hispano-americana contemporânea ao propor a análise de duas narrativas que, por sua estrutura, dialogam com os modelos emergentes de narrativas



transfronteiriças. Constituídas por vozes localizadas nas encruzilhadas culturais e linguísticas, *Árbol de familia* (2010), de María Rosa Lojo, e *Una vez Argentina* (2014), de Andrés Neuman, apresentam um discurso ficcional permeado pelas fissuras e tensões que atravessam a constituição identitária do sujeito que o enuncia. O estudo demonstra como tais relatos contribuem para o redimensionamento da cartografia literária hispano-americana, ao propor modelos alternativos e lugares de enraizamento que, fugindo da lógica binária representada pela metáfora da árvore-raiz (Deleuze e Gattari), referendaram, por meio da palavra escrita, o terceiro espaço onde simbolicamente se instituem as bases de identidades transnacionais que, deliberadamente, assumem sua índole multi ou extraterritorial.

Em diálogo com os debates acerca dos processos de identificação agenciados pelos sujeitos em trânsito, os autores Bruno Santos Melo e Luciano Barbosa Justino, no artigo *Reterritorializar, desterritorializar: Quarenta Dias, de Maria Valéria Rezende*, analisam os deslocamentos geográfico e identitário da protagonista do romance contemporâneo *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende (1942), valendo-se dos conceitos de Deleuze e Gattari. Ao empreender o movimento de desterritorialização, deslocando-se do nordeste para o sul do Brasil, a narradora-personagem resiste silenciosamente à imposição de identidades femininas pré-concebidas, buscando para si um novo papel, ressignificando a própria identidade, reterritorializando-se.

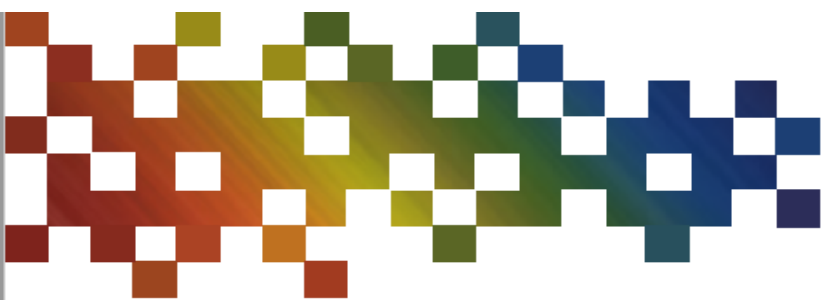
As relações estabelecidas entre deslocamento, identidade e gênero também são contempladas no artigo de Viviane de Freitas, intitulado *Narrativas errantes do exílio feminino*, no qual a autora problematiza a literatura de exílio filiada ao cânone da tradição literária modernista, a qual, apresentando um viés fundamentalmente masculino, conforma a base da grande narrativa da nação. Para fazer frente a convenções estéticas tradicionais, o trabalho realiza a leitura da obra *Bom dia, Meia-noite* da escritora dominicana Ella Gwendolen Rees Williams Roseau, reconhecida pelo pseudônimo Jean Rhys, com o intuito de examinar a relação entre exílio, errância, identidade e pertencimento em um romance do período entreguerras. Nessa análise, Viviane de Freitas busca demonstrar como o espaço de significação suplementar aberto por essas narrativas ficcionais revelam a produtividade do caráter multifacetado e complexo do exílio



feminino, capaz de trazer o foco para outras dimensões políticas, éticas, morais, que são em muitos aspectos distintas daquelas exploradas pela perspectiva do migrante masculino da tradição modernista.

Em *Uma flâneur pós-moderna: a conquista de uma cidade hostil por meio da escrita no romance de Paloma Vidal*, de Wilma dos Santos Coqueiro, a sensação do desconcerto e estranhamento frente a uma cidade hostil como signos da expressão do sujeito migrante, também é ressignificada a partir do olhar feminino. Tomando como corpus de análise a obra *Algum lugar* (2009), da escritora argentina radicada no Brasil, Paloma Vidal, o artigo discorre sobre os deslocamentos espaciais, linguísticos e culturais experimentados por uma narradora-protagonista não identificada nominalmente que, assumindo a atitude de uma *flâneur* contemporânea, perambula por Los Angeles, cidade para onde viaja a fim de concluir o doutorado. Cindida pelo impacto ocasionado pelo choque entre a expectativa e a realidade, ao se deparar com um meio que lhe pareceu totalmente inóspito e imapeável, resta-lhe à narradora ressignificar a sua condição de estrangeira, sintetizando as dores, traumas e afetos a partir do exercício da escritura, meio pelo qual logra transformar o exílio em lugar de aprendizado e, ainda, empreender a conquista de uma cidade que, a princípio, parecia-lhe ininteligível e nada acolhedora.

O embate entre o sonho e a realidade concebido enquanto eixo semântico que modula as relações do sujeito migrante com os espaços pelos quais ele circula, também é explorado no artigo *Entre a África e a Espanha, entre o “inferno” e o “paraíso”: representações do espaço nos testemunhos de imigrantes subsaarianos*, de Ana Paula de Souza. Partindo do enfoque comparativo, a autora analisa dois testemunhos de imigrantes subsaarianos radicados na Espanha, a saber: *El viaje de Kalilu* (2009), do gambiano Kalilu Jammeh, e, *3052. Persiguiendo un sueño* (2012), do senegalês Mamadou Dia. Ambas narrativas possuem como foco central o relato da experiência de imigração e integração social desses sujeitos à sociedade espanhola. Dentre os tópicos do discurso migrante, suas simbologias e metáforas, a autora investiga como se dá a articulação dos espaços representados em tais textos - África/Gambia/Senegal *versus* Europa/Espanha -, à dicotomia do inferno *versus* paraíso, problematizando as fronteiras semânticas e simbólicas que definem a construção dos imaginários culturais. A partir de um jogo

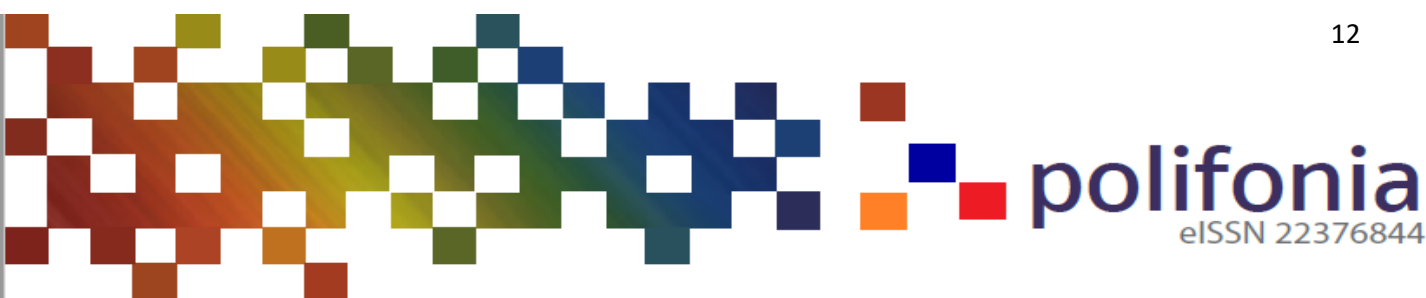


dialético, os sentidos assumidos por ambos os termos dentro contexto narrativo de cada testemunho são dessacralizados e ressignificados a partir da voz do sujeito migrante. O cotejo de ambas as obras termina por suscitar uma leitura crítica do próprio espaço ocupado pelo imigrante no país de acolhida, isto é, o entre lugar, cuja acepção é revisitada pelo olhar daquele que habita as margens, na condição de ilegalidade.

E, por fim, a ideia do entre lugar, entendido muitas vezes, desde uma perspectiva positiva, como espaço possível de negociação de sentidos implicada no processo de constituição identitária e tradução cultural, será novamente questionada no artigo que encerra a seção deste dossiê, *O descentramento do sujeito contemporâneo no conto “No seu pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie*, de Paulo Eduardo Benites de Moraes e Heloisa Helena Siqueira Correia. Nele, os autores investigam os efeitos estéticos produzidos pela descentralização da personagem Akunna, que deixa a Nigéria e parte para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida. Na ocasião, a duplicação do eu se instaura como estratégia fundamental para desconstruir o falso conforto vinculado à noção do terceiro espaço, amiúde representado como zona intersticial das possibilidades e dos encontros interculturais. Destarte, por meio de uma leitura provocativa, o estudo ilumina os aspectos narrativos que evidenciam o progressivo fortalecimento identitário de um sujeito que se torna consciente de sua condição de invisibilidade em um meio onde o diferente é constantemente sufocado por forças externas e hostis que tendem anular a sua existência.

Conforme demonstram os trabalhos reunidos, o deslocamento produz encontros, disjunções, tensões e confluências que reivindicam tanto liberdade para habitar a ausência de lugar, quanto a necessidade do retorno para casa, num gesto de resistência e fortalecimento da alteridade, passando ainda pelos modelos fluídos de possibilidades de enraizamentos múltiplos. O trânsito, o fluir do tempo que altera espaços, exteriores, interiores, físicos ou subjetivos, singulariza identidades a partir do contato com a diferença. Não há um consenso, uma verdade absoluta. Existem vozes, sujeitos que urgem ser ouvidos, há memórias que devem ser lembradas na escrita do futuro.

Na travessia do oceano Letras, a seção *Outros lugares*, dedicada à publicação de artigos de temática livre, neste número, em especial, conjugou artigos que tratam de levar



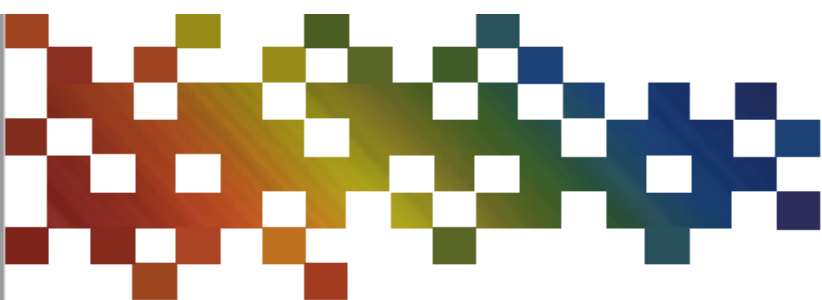
o leitor a tocar também as outras margens dos estudos literários, linguísticos, de tradução e educação.

Introduzimos esse apartado com uma série de trabalhos que dialogam com as teorias sobre a linguagem desenvolvidas pelo formalista russo Mikhail Bakhtin. O artigo “*Hay que seguir luchando*”: arte e compromisso nos discursos autobiográficos de Mercedes Sosa, de Nathan Bastos de Souza e Valdemir Miotello analisa fragmentos de discursos autobiográficos da cantora argentina Mercedes Sosa registrados em documentários e entrevista televisiva sobre a ditadura militar argentina, à luz da noção bakhtiniana de ato ético e do conceito político de “enunciar a ausência”, de Carvajal e Nogueira.

Em *O embate entre sujeito-mulher no Brasil contemporâneo: uma análise bakhtiniana*, os autores Antonio Luiz Assunção e Rafael Junior de Oliveira realizam uma análise discursiva da carta publicada em 2016 pela ex-deputada Manuela D’ávila, em uma rede social, endereçada à ex-primeira dama Marcela Temer, líder do *Programa Criança Feliz*. A leitura se debruça sobre a constituição desses dois seres-eventos-mulheres a partir do conceito de *signo ideológico* de Volóchinov, membro do Círculo de Bakhtin.

Voltando para o campo dos estudos literários, o artigo *A busca pelo poder e as relações sociais e afetivas nos romances O idiota e Macau: uma leitura à luz da teoria bakhtiniana*, de Maria Aparecida de Almeida Rego, apresenta uma leitura comparativa entre os romances *O Idiota* (1869), de Fiódor Dostoievski, pertencente ao realismo russo do século XIX; e o romance *Macau* (1934), de Aurélio Pinheiro, produzido nas primeiras décadas do século XX, no contexto da literatura brasileira. A autora, valendo-se das teorias de Bakhtin, procura demonstrar como a multiplicidade discursiva presente em tais obras revela as tensões, as ideologias, os jogos de poder que atravessam as relações sociais e afetivas das personagens, transformando a linguagem romanesca numa espécie de microcosmo que reflete o macrocosmo da sociedade.

Ainda em consonância com o aporte teórico formalista russo está o artigo *Objeto cultural e memória coletiva em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. Neles, a autora Maria de Fátima Rocha Medina analisa como o signo do barro atua na constituição identitária e na transmissão da memória coletiva dos negros, figurando assim como objeto

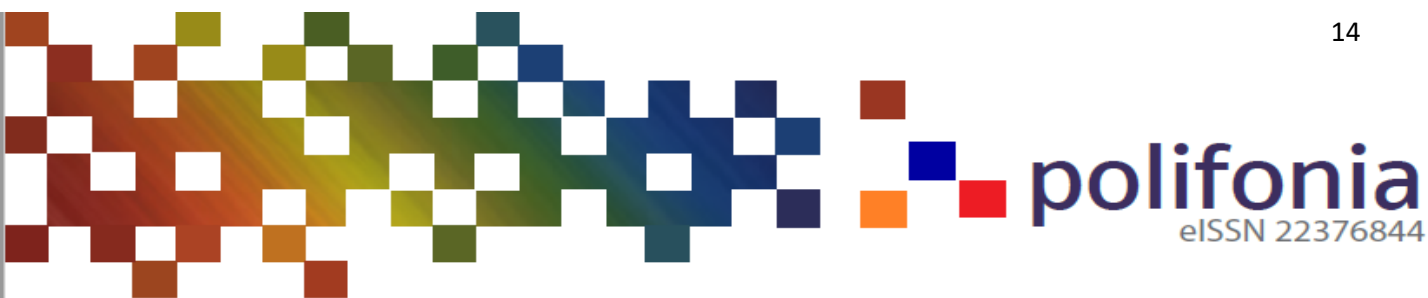


cultural portador de uma memória que é capaz de revigorar a herança do passado e impulsionar o reencontro da família Vicêncio. Com base em conceitos bakhtinianos, o trabalho demonstra como o referido romance de Evaristo contribui para a valorização de raízes identitárias e objetos de memória, bem como evidencia a importância da ação-evento e assinatura de sujeitos responsivos em defesa do povo negro na sociedade brasileira.

Transferindo a questão da identidade e da memória afrodescendentes para a área dos estudos linguísticos, o artigo *Denominações para ‘canjica’ e ‘curau’ no atlas linguístico quilombola do Moxotó-Ipanema de Pernambuco (Alquimipe)*, de Edmilson Sá, apresenta uma análise da variação lexical observada na fala de algumas comunidades quilombolas de microrregiões pernambucanas, localizadas entre o Agreste e o Sertão do Estado. Partindo do corpus coletado para a construção do Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema de Pernambuco (ALQUIMIPE), fundamentado teoricamente pela Dialetoлогия e da Geolinguística, o autor elucidar como as variantes de canjica e curau apresentam registros de denominações cuja etimologia apontam para a presença da influência africana na cultura quilombola oriunda de etnias que as fundaram, podendo ser observada ainda nos dias de hoje, inclusive na língua que falam.

Em diálogo com uma abordagem interdisciplinar, o artigo *A polissemia do conceito de “paz” na comunidade escolar: um estudo prévio para a implementação da lei 13.663/18 no âmbito escolar*, de Rafael Trentin Scremin e Luzia Batista de Oliveira Silva, apresenta um estudo dedicado a apreciar o entendimento do conceito de paz vigente numa comunidade escolar do Rio Grande do Norte. Utilizando o método hermenêutico de Paul Ricoeur, juntamente com a aplicação de um questionário, os autores coletaram dados que permitiram a organização das respostas em duas categorias: a primeira, em que o termo “paz” aparece vinculado ao viés religioso/espiritual e, a segunda, que o relaciona à ideia de ausência de conflitos. Sabendo que a Lei já está em vigor, esses resultados mostram a necessidade de uma discussão ampla, séria e urgente sobre a temática no ambiente escolar, para que crenças e ideologias pessoais não sejam tomadas como consenso coletivo.



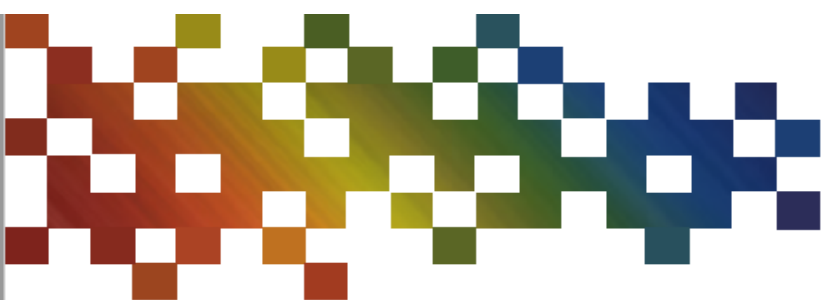


As reflexões instauradas pelo trabalho de Scremin e Silva adquirem nova dimensão no artigo *Ensino e aprendizagem de espanhol: o que dizem os estudos a respeito das crenças de alunos?*, em que as autoras Ana Maria Ferreira Barcelos e Sílvia Letícia Cupertino, a fim de apontar as fragilidades do processo de implantação do ensino de espanhol no Brasil por meio da publicação da lei 11.161/05, revisitam o histórico dos estudos das crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e, a partir dele, traçam um panorama dos estudos dessa natureza no que tange às crenças relativas ao ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira no país.

Em *Parfor no Amazonas: fronteiras, deslocamentos e formação de professores de espanhol*, os autores Raimunda Júlia de Freitas Brandão e Wagner Barros Teixeira ressaltam a pluralidade linguística do estado do Amazonas, e dão notícias das ações e contribuições que os cursos de Letras – Língua e Literatura Espanhola ofertados pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, em parceria com o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – Parfor – aportam em dois espaços transfronteiriços amazonenses no tocante aos desafios da formação de professores de espanhol.

Na interface entre os estudos da linguagem e a filosofia, o artigo *A visão em paralaxe como método para desvelar a ideologia*, de Rosanne Bezerra de Araujo, tem como objetivo investigar o sentido do real e do simbólico utilizando a metodologia filosófica presente na obra *A visão em paralaxe*, de Slavoj Žižek. A análise objetiva sublinhar como a ideologia opera na sociedade ao iludir o indivíduo e mascarar a realidade, e como o método da visão em paralaxe pode funcionar como antídoto para inibir tal influência. Busca identificar essa problemática filosófica em fatos sociais, observando a influência da ideologia na leitura da realidade social e, após análise dos exemplos escolhidos, demonstrar que a visão em paralaxe ensina que a visão dos fatos é sempre mistificada, despertando para a tomada de consciência diante do efeito da ideologia na vida de todos.

Para fechar a seção *Outros lugares*, já tocando o âmbito dos estudos tradutórios na sua articulação com o Teatro, o artigo *A oralidade do bobo em duas traduções brasileiras de Romeu e Julieta*, de Tiago Marques Luiz e Nilton César Ferreira, pautando-

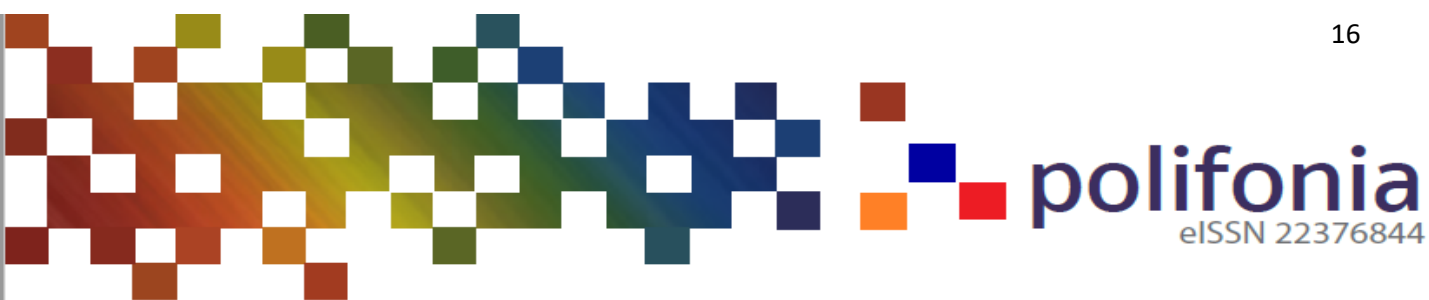


se pela oralidade teatral, apresenta uma comparação entre duas traduções brasileiras da peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. O estudo está focado na análise da terceira cena do primeiro ato, em que as personagens Senhora Capuleto e Ama tentam convencer a jovem protagonista a se casar com Páris. Nessa leitura, os autores averiguam como operam, em tal episódio, as traduções de trocadilhos referentes às ambiguidades obscenas e metáforas sobre o casamento que constam no texto original de língua inglesa. Observar a diferença entre as escolhas realizadas pelos tradutores Onestaldo de Pennafort e Carlos Alberto Nunes é o objetivo desse estudo.

Encerrando o Dossiê, Tatiana da Silva Capaverde apresenta a resenha do romance *Largo pétalo de mar* (2019), de Isabel Allende, em que ressalta como tal relato contemporâneo fez do deslocamento um de seus temas centrais. Na narrativa, Isabel Allende, ela mesma uma cidadã do trânsito, conta a trajetória de uma família espanhola republicana exilada no Chile durante a ditadura de Franco, e depois, novamente exilada na Venezuela por causa do golpe de Pinochet. Os protagonistas representam posturas antagônicas em relação à experiência do deslocamento, e terminam por constatar a condição de eterna estrangeira e a impossibilidade do retorno à pátria.

Para concluir, os estudos reunidos mostram que o deslocamento constitui um tema ainda vigente enquanto objeto de criação e da crítica literária nessas primeiras duas décadas do século XXI, ensejando composições ficcionais que seguem instigando reflexões a respeito da identidade, nacionalidade, gênero, cultura, raça e outras categorias pelas quais o Ocidente busca ordenar o mundo e suas epistemes em meio à era da Globalização, atravessada por sua própria natureza contraditória.

Esperamos que o rol dos artigos selecionados para esta edição contribua para a atualização das leituras que têm sido produzidas acerca do deslocamento e suas representações na literatura, demonstrando a heterogeneidade e a fluidez de uma estética que, resistente às classificações pré-estabelecidas, convoca os leitores ao exercício contínuo da escuta ativa de vozes, afetos e formas subjetivas de expressão que, ao redimensionar as fronteiras subjacentes às fissuras, tensões e abismos que apartam política, econômica e ideologicamente povos, nações, culturas e outros grupos



socialmente marginalizados, apontam para a possibilidades de construção de novas pontes de conexão entre saberes e experiências humanas, a partir do olhar da alteridade.

Prof. Dra. Ana Paula de Souza (UFMT)

Prof. Dra. Juliana Bevilacqua Maioli (UNIR)

Prof. Dra. Tatiana da Silva Capaverde (UFRR)